



1290003178



FE

TCC/UNICAMP G586a

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LILIAN CRISTINA GONÇALVES

2006

1290003178

2006

A ANSIEDADE DO PROFESSOR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

CAMPINAS

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LILIAN CRISTINA GONÇALVES

A ANSIEDADE DO PROFESSOR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a Faculdade de Educação da UNICAMP, como
exigência para a Graduação em Pedagogia, sob a
orientação do **Prof. Dr. Valério José Arantes**.

CAMPINAS

2006

© by Lilian Cristina Gonçalves, 2006.

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	
V:	EXD
TOMBO:	3179
PROC:	145107
C:	
D:	X
PREÇO:	
DATA:	28/03/07
Nº CPD:	

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G586 Gonçalves, Lilian Cristina
A ansiedade do professor e as dificuldades de aprendizagem / Lilian
Cristina Gonçalves. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Valério José Arantes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ansiedade. 2. Dificuldade de aprendizagem. 3. Desempenho escolar.
I. Arantes, Valério José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

06-750-BFE

Dedico este trabalho aos meus pais, que acompanharam toda a trajetória deste trabalho, me ajudando em tudo que precisei e me dando muita força para chegar até aqui.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar agradeço imensamente ao meu orientador Prof. Dr. Valério José Arantes pela grande dedicação e atenção que me foi oferecida durante toda a realização deste trabalho.

Aos meus pais, por me apoiarem e me propiciarem as condições necessárias para eu chegar até aqui, além de sempre estarem do meu lado e acreditarem em mim.

Ao Marcos por sempre estar disposto a me ouvir, a dividir comigo as minhas angústias, as preocupações e também os momentos alegres durante toda a realização deste trabalho.

Às minhas grandes amigas Carol, Fernanda, Kathleen, Luana e Lygia, que eu conheci no curso de Pedagogia, por sempre me ajudarem em tudo que precisei, dividiram comigo angústias, preocupações, mas também momentos de muita alegria, que jamais vou esquecer.

Às escolas onde desenvolvi a pesquisa, aos professores, coordenadores e diretores, que cederam o espaço para a aplicação dos questionários.

Ainda que às vezes pareça impossível, a melhor maneira de controlar a ansiedade é evitar situações ameaçadoras desnecessárias e começarmos a fazer de nós mesmos a pessoa mais completa e mais forte que possamos ser. Para fazer isso, você precisa aceitar quem você é, assumir a responsabilidade por sua vida, e estar convicto de que está se dirigindo para a direção que é certa para você. É uma tarefa difícil. Para sermos nós mesmos, não precisamos estar inteiramente livres da ansiedade, mas, pelo menos, você pode saber o que receia e ser livre para modificar o que o ameaça (VISCOTTI, 1976, pg.65).

Resumo

O enfoque da pesquisa situa-se dentro do campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem, no qual pretendo aprofundar as questões referentes à irritação e impaciência de professores, decorrentes de um estado de ansiedade que pode gerar Dificuldades de Aprendizagem.

Essa pesquisa busca compreender como a ansiedade do professor está relacionada às Dificuldades de Aprendizagem dos alunos, partimos do pressuposto que um estado de ansiedade alterado pode desfavorecer o processo de ensino aprendizagem, portanto, as questões que norteiam este trabalho são: qual a influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem? Qual a relação entre o nível de ansiedade do professor e o rendimento escolar dos seus alunos?

Para alcançar os objetivos propostos foi utilizada a técnica de análise quantitativa. Foi aplicado um questionário de Auto-Avaliação- IDATE (Ansiedade-Traço) que mediu o nível de ansiedade dos professores, e, também foi feito um levantamento do número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem juntamente aos professores. A relação entre os dados coletados - nível de ansiedade dos professores e o número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem- foram analisados e interpretados.

Comprovou-se com a realização deste estudo, que existe uma relação entre a Ansiedade do professor e as Dificuldades de Aprendizagem em estudantes, e, que, portanto, um estado alterado de ansiedade pode ser um fator gerador de Dificuldades de Aprendizagem.

Palavras-chave: Ansiedade, Dificuldades de Aprendizagem, Desempenho Escolar

SUMÁRIO:

1-) INTRODUÇÃO:.....	1
2 -) DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	3
3-) ANSIEDADE HUMANA	16
4 -) METODOLOGIA:	27
4.1- Problema:	28
4.2-Justificativa:	30
4.3- Objetivos:	31
4.4- Procedimento:.....	31
4.5- Amostra	32
4.6 - Análise dos dados.....	32
5-) CONSIDERAÇÕES FINAIS:	39
6-) BIBLIOGRAFIA:.....	42
7-) ANEXO 1	44
8-) ANEXO 2	46

1-) Introdução:

O enfoque da pesquisa situa-se dentro do campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem, no qual pretendo aprofundar as questões referentes à irritação e impaciência de professores, decorrentes de um estado de ansiedade que pode gerar Dificuldades de Aprendizagem nos alunos, considerando que a irritação e a impaciência são fenômenos que ocorrem mediante a relação com o outro, ou seja, na relação entre o professor e o aluno.

O interesse por esse tema surgiu durante uma experiência de estágio, durante a qual, sempre foram dignos de atenção os momentos de ensino-aprendizagem marcados pela tensão entre professor e aluno. Uma professora demonstrou em vários momentos grande irritação e impaciência diante das dificuldades dos alunos. Foi dessa experiência vivenciada no universo escolar com maior intensidade, que despertou o interesse em refletir sobre a questão da irritação e impaciência (sintomas da ansiedade) do professor e sua relação com as Dificuldades de Aprendizagem.

O campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem é uma área que vem sendo estudada desde de 1800, e até agora não se tem uma definição clara e consensual do termo Dificuldades de Aprendizagem. Mesmo com uma grande panorâmica e com um grande potencial de investigação, as teorias sobre Dificuldades de Aprendizagem continuam a ser muito complexas e muito pouco consistentes.

A amplitude e confusão terminológica das Dificuldades de Aprendizagem se devem ao fato de que esse campo de estudo sofreu a influência de diversas áreas de estudo como a Medicina, Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Neuropsicologia, entre outras.

A definição desse termo pode variar de país para país e de autor para autor, porém é importante ressaltar que existe um consenso entre os diversos autores que abordam o

problema: os alunos com Dificuldades de Aprendizagem não têm sucesso na escola por diferentes razões, independentes da capacidade intelectual. No presente trabalho trago um panorama geral desse campo de estudo desde 1800 até os dias de hoje.

E a ansiedade, o que temos a dizer sobre ela? Como defini-la? Como é sentir-se ansioso? Como podemos controlar a ansiedade? Essas e outras questões sobre ansiedade autores como David Viscotti, Sigmund Freud e Rollo May nos ajudarão a responder ao longo do trabalho.

Podemos adiantar dizendo que a ansiedade tem um propósito, originalmente era o de proteger a existência do homem das cavernas na presença dos animais ferozes e dos vizinhos selvagens. Hoje em dia, as ocasiões para a ansiedade são muito diferentes, mas sua finalidade ainda é proteger-nos dos perigos que ameaçam a nossa existência, ou, os valores que identificamos com a nossa existência.

No presente trabalho busco compreender como a ansiedade do professor está relacionada às Dificuldades de Aprendizagem dos alunos, partimos do pressuposto que um estado de ansiedade alterado pode desfavorecer o processo de ensino aprendizagem, portanto, as questões que norteiam este trabalho são: **qual a influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem? Qual a relação entre o nível de ansiedade do professor e o rendimento escolar dos seus alunos?**

2 -) Dificuldades de Aprendizagem

O enfoque da pesquisa situa-se dentro do campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem, no qual pretendo aprofundar as questões referentes à irritação e impaciência de professores, decorrentes de um estado de ansiedade que pode gerar Dificuldades de Aprendizagem.

Segundo os autores Correll e Schwarze (1974) os distúrbios nervosos de pais e professores facilmente se transferem para as crianças. Em tais crianças origina-se uma necessidade insatisfeita de proteção e segurança, que as obriga a lutar ansiosamente, por reconhecimento e atenção, tanto no lar como na escola. Para esses autores os Distúrbios de Aprendizagem podem ser condicionados por vários fatores do mundo da criança, ao lado disso se encontram os distúrbios de aprendizagem que têm sua causa em determinados fatores da personalidade infantil, são eles: o talento, a maturidade, o ritmo pessoal, interesses e aptidões específicas, problemas de origem nervosa, atitudes erradas, problemas orgânicos.

Fernandez (1991) define duas ordens de causas dos problemas de aprendizagem; a primeira nomeada de problema de aprendizagem reativa, em que o fracasso escolar é resultado de uma ação educativa inadequada tendo sua origem relacionada à instituição escolar como desadaptação, problemas relacionados ao professor e a metodologia usada. A segunda, chamada de problema de aprendizagem sintoma em que a causa do problema está no desenvolvimento afetivo e/ou cognitivo, sua dimensão liga-se à história original e única desse sujeito, constituída nas interações sociais que estabelece com pais, familiares, grupos de amigos, colegas e professores.

Para Oliveira (1996) as Dificuldades de Aprendizagem são multideterminadas, isto é, possuem uma associação de causas e podem estar relacionadas à escola como consequência

de currículos inadequados, de um sistema de avaliação falho, do método e da própria relação com o professor, assim como a falta de estímulo dos professores, alunos trabalhando com material didático desatualizado e desprovido de significado, salas de aula com um número grande de alunos, crianças com diferenças culturais, sociais, econômicas, bem como seu nível de maturidade. Indo mais além, em relação ao aluno, problemas de ordem neurológica, fisiológica, de visão, falta de trocas e interação entre pais e filhos, perturbação afetiva e emocional.

O estudo que será realizado, exige que se compreenda o conceito de “Dificuldades de Aprendizagem” e também as influências teóricas e metodológicas das diversas áreas de estudo que esse campo recebeu e vem recebendo nos dias atuais.

Segundo Weiss (*apud* Osti, 2004) o número de pesquisas e publicações envolvendo o tema Dificuldades de aprendizagem vem aumentando e chamando a atenção de educadores, pais e diversos especialistas. Em 1980, com a Fundação da Associação Brasileira de Psicopedagogia em São Paulo, um grupo de profissionais já atuantes na área desenvolveram cursos de especialização e publicações referentes à temática dos processos de aprendizagem, voltados à análise dos problemas de aprendizagem. Essa preocupação em compreender os processos e as dificuldades que afetam a aprendizagem dos alunos concorre com a constante preocupação em tentar explicar o fracasso escolar, que tem sido definido como uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola.

Para Sánchez (1998) as dificuldades de aprendizagem podem ser vistas como sendo referência de três crenças que são tidas como reais. A crença de que a causa da Dificuldade de Aprendizagem está no indivíduo; a crença de que as pessoas que sofrem são inferiores em algo, como a capacidade na aprendizagem escolar; e a crença de que necessitam de ajuda em aulas especiais para solucionar suas dificuldades.

O conceito Dificuldades de Aprendizagem estudado por várias disciplinas, como a Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Neuropsicologia, entre outras, retrata um objeto de estudo bastante controverso e ainda pouco consensual. Já algum tempo vem se adotando a definição sobre Dificuldade de Aprendizagem do NJCLD (Nacional Joint Committee On Learning Disabilities) como a que melhor responde aos anseios dos profissionais desse campo, sem deixar de levar em consideração que essa definição está ainda muito atrelada à visão organicista, pois considera a dificuldade como podendo ser causada por uma disfunção do sistema nervoso central.

A definição de Dificuldades de Aprendizagem dada pelo NJCLD (BERMEJO & LLERA, 1988, p. 35 *Apud* Sisto, 2001) é a seguinte:

Un término general que se refiere a um grupo heterogêneo de trastornos que se manifiestan por dificultades significativas em la adquisición, habla, lectura, escritura, razonamiento, o habilidades matemáticas. Estos trastornos son intrínsecos al individuo, suponiéndose debidos a la disfunción del sistema nervoso central y pueden ocurrir a lo largo del ciclo vital. Pueden existir junto com las dificultades de aprendizaje problemas en la conductas de auto-regulación, percepción social e interacción social, pero no constituyen por sí mismas una dificultad de aprendizaje. Aunque las dificultades de aprendizaje pueden ocurrir concomitantemente com otras condiciones incapacitantes (por ejemplo, deficiencia sensorial, retardo mental, trastornos emocionales graves) e com influencias extrínsecas (tales como las diferencias culturales, instrucción inapropiada o insuficiente), no son el resultado de esas condiciones o influencias.

Segundo Saravali (2005) a amplitude e confusão terminológica das Dificuldades de Aprendizagem (DA) ocorrem em razão das diferentes influências que o campo sofreu, tais como a médica e organicista que procura relacionar as dificuldades de aprendizagem com problemas no funcionamento ou desequilíbrio químico; a pedagógica ou escolar que procura associar as DA com questões metodológicas e didáticas; e aquelas ligadas a fatores psicológicos e a problemas relacionados ao processamento de informações.

É necessário, portanto, considerar que os termos Distúrbios de Aprendizagem e Dificuldades de Aprendizagem se diferenciam em alguns aspectos. O termo Distúrbios de Aprendizagem está mais próximo da área médica, já o termo Dificuldades de Aprendizagem está relacionado com a área pedagógica ou escolar.

O termo Dificuldades de Aprendizagem, no entanto, traz consigo uma série de atributos que acabam ampliando seu campo de definição. Observa-se que a definição desse termo pode variar de país para país e de autor para autor, porém é importante ressaltar que existe um consenso entre os diversos autores que abordam o problema: os alunos com Dificuldades de Aprendizagem não têm sucesso na escola por diferentes razões, independentes da capacidade intelectual.

Para a autora Martinelli (2001), os problemas mais típicos das pessoas que apresentam Dificuldades de Aprendizagem podem ser descritos, por falhas na escola, certa desorientação e deficiência na leitura e linguagem, embora apresentem certas características como inteligência normal, ausência de problemas sensoriais e motores, adequada oportunidade escolar e adaptação emocional.

Cruz (1999) faz um levantamento histórico da evolução do conceito de Dificuldades de Aprendizagem e também das pesquisas que foram permitindo uma maior caracterização deste campo. O autor mostra as diferentes perspectivas do problema e os principais pesquisadores. Divide a seqüência histórica das dificuldades de aprendizagem nas seguintes fases:

Fase da fundação (1800-1930):

Neste período, o estudo das Dificuldades de Aprendizagem é marcado pela abordagem organicista. Os diferentes ramos da medicina, como a Neurologia, a Oftalmologia e Psiquiatria eram os que mais se interessavam pela área, é por isso que ainda hoje encontramos

termos da área médica para definir as Dificuldades de Aprendizagem, tais como distúrbios, anormalidade, disfunção cerebral mínima, disgrafias (falha no traçado das letras e disposição dos conjuntos gráficos que caracterizam uma incapacidade de produzir os movimentos exigidos para a escrita), afasias (perda total ou parcial da habilidade de falar e compreender a linguagem), dislexias (conjunto de sintomas que caracterizam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita), entre outros termos, que estão sempre ligados a fatores orgânicos, como problemas cerebrais, traumatismos e deficiência cerebral.

A característica principal dessa fase é a busca da relação dos problemas de aprendizagem com pontos cerebrais comprometidos, surge o conceito de lesão mínima ou de desenvolvimento insuficiente. Problemas no processamento da linguagem, por exemplo, seria um indicativo de algum tipo de mau funcionamento de determinada área do cérebro.

Cruz (1999, pg. 23) afirma que a história das Dificuldades de Aprendizagem nesse período:

...encontra as suas heranças nos estudos neuropsicológicos de adultos que perderam a habilidade para falar, ler, escrever ou calcular depois de sofrerem uma lesão cerebral. Tais investigações e teorias foram posteriormente alargadas às crianças que falhavam no normal desenvolvimento das habilidades da linguagem ou da leitura.

Esse período traz contribuições para o campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem no qual está inserido meu tema, mas não faz ligação direta com o enfoque da minha pesquisa. Os estudos dessa fase buscaram relacionar os problemas de aprendizagem com algum tipo de deficiência cerebral, ou seja, problemas de ordem orgânica, o que pretendo focar é a influência da irritação e impaciência (sintomas da ansiedade) no processo de aprendizagem. Em certa medida, a ansiedade tem ligação com fatores orgânicos, desde que, a pessoa que se encontra num estado de ansiedade, também sofre de algumas alterações de ordem orgânica.

Fase da Transição (1930-1963):

Nessa fase não temos somente estudos e definições ligados à perspectiva orgânica e biológica, mas também há referências a fatores de ordem psicológica, devido à participação e interesse de profissionais do campo da Psicologia e Educação. Temos também a proliferação de testes e programas de recuperação. Os autores de destaque nessa fase são:

Strauss e Werner (*apud*, Saravali 2005) são os pioneiros em explicar os processos de aprendizagem, comparavam crianças com lesões cerebrais e crianças com deficiência mental (sem lesões). Strauss diferencia dois tipos de lesões: endógenas (deficiência mental em razão de características herdadas e familiares) e exógenas (decorrentes de déficits neurológicos ou lesões cerebrais provocadas por problemas pré, peri e pós-natais).

As contribuições desses autores são fundamentais, pois com base em suas pesquisas, já se apontava para a necessidade de intervenção educativa especial nos casos de lesões. As orientações educativas que eles apresentavam na recuperação dos problemas de aprendizagem apresentados por essas crianças, são: 1) necessidade em se abordar os diferentes modos que cada criança utiliza para resolver as tarefas que lhe são solicitadas; 2) importância em se relacionar os procedimentos educativos com as facilidades e dificuldades apresentadas pela criança e 3) necessidade de não se ressaltar as áreas fracas de aprendizagem das crianças, mas sim fortalecer os processos que elas possuem. (STRAUSS *et al*, 1973)

Outro autor é Cruickshank (*apud* Cruz, 1999) apresenta a idéia de lesão cerebral mínima não diagnosticada num exame neurológico, mas observada por comportamentos inadequados no momento da aprendizagem, tais como dificuldades de formação de conceitos.

Kephart (*apud* Fonseca, 1995) faz uma associação entre as habilidades sensório-motoras e as habilidades visuo-perceptivas. Defende que as funções intelectuais superiores

(simbolização, conceitualização) dependem de aquisições perceptivo-motoras básicas. A sensação e a percepção, portanto, são indissociáveis da motricidade.

Frostig (*apud* Saravali, 2005) enfatizou a percepção visual, cuja anormalidade afetaria as funções cognitivas. Procurou relacionar partes do cérebro que não funcionam bem com problemas na percepção, como por exemplo, reconhecimento de formas, cores, distâncias. Elaborou juntamente com Maslow, LeFever e Whittlesey o primeiro teste de percepção visual e criou também um programa de treinamento nesta área. A percepção visual é definida por Frostig e Maslow (1973) como a habilidade de reconhecer e discriminar estímulos visuais e interpretar tais estímulos por associação com experiências prévias. O teste compreendia cinco áreas: 1) coordenação visuo-motora ou coordenação olho-mão; 2) discriminação figura-fundo; 3) constância da forma ou constância perceptiva; 4) posição no espaço e 5) relações espaciais. Os autores explicam que:

Percepção da posição no espaço é considerada como essencial para leitura por muitos educadores porque sem ela a criança não pode diferenciar as letras, como por exemplo b e d. percepção da relação espacial é essencial para a ortografia; a criança deve perceber a seqüência de letras e ser capaz de colocá-las na ordem certa. Constância perceptiva é importante para a habilidade de discriminar detalhes minuciosos, como por exemplo, um r de um n, ou um a de um d. Coordenação visuo-motora não é uma habilidade de percepção visual, mas é importante para realizar atividades como apagar, escrever e copiar, necessárias para a escola (FROSTIG e MASLOW 1973, pg. 177).

Myklebust (*apud* Saravali, 2005), voltou sua atenção para as desordens nos processos auditivos e da linguagem. Quantificou as DA comparando o potencial expectativo das crianças e o seu nível de realização atual, afirmava que as DA “*representam uma discrepância entre a capacidade e a realização, entre o potencial para a aprendizagem e o nível de aprendizagem atingido*” (JONSON e MYKLEBUST, 1987, pg. 22). Buscou também diferenciar uma criança com DA de uma deficiente mental pelo quociente de aprendizagem

(QA). O QA é feito comparando-se a idade mental com a capacidade de realizar tarefas próprias deste período da vida no qual a criança se encontra.

Orton (*apud* Fonseca, 1995, pg.19) buscou identificar a relação entre atrasos e Dificuldades de Aprendizagem da leitura com a lentidão na aquisição ou a disfunção da dominância hemisférica, que implica em problemas com a lateralização no plano motor. Segundo o autor, é necessário que se estabeleça primeiramente esta dominância e lateralização no plano motor a fim de evitar inversões, omissões, repetições durante a leitura. “Sem ter adquirido uma dominância hemisférica, a criança pode experimentar uma grande confusão, e, portanto, dificuldades na aprendizagem da leitura”.

Kirk (*apud* Fonseca, 1995), elaborou um dos testes mais famosos na história das DA o ITPA (Illinois Test of Psycholinguistic Abilities) que avalia as possibilidades de comunicação do sujeito. Esse teste trouxe contribuições para a criação de programas de individualização do ensino, uma vez que discrimina, nos sujeitos, as aquisições fortes das fracas.

Assim como a fase anterior, a Fase de Transição não tem relação direta com o enfoque da minha pesquisa, está bastante ligada ainda com a abordagem organicista, mas é nela que a Psicologia e a Educação começam a se interessar pelo estudo das Dificuldades de Aprendizagem.

O que os diversos autores apresentados buscam relacionar com a causa das Dificuldades de Aprendizagem é diferente do que pretendo analisar. Os autores Strauss e Werner analisam o desempenho escolar de crianças com Deficiência mental sem lesões e de crianças com lesões cerebrais, seus estudos foram importantes, pois com base neles, já se apontava para a necessidade de intervenção educativa especial no caso de lesões. O autor Kephart defende que as funções intelectuais dependem de aquisições perceptivo –motoras básicas. Frostig enfatizou a percepção visual, cuja anormalidade afetaria as funções cognitivas. Já Myklebust

voltou sua atenção para os problemas auditivos e sua relação com as Dificuldades de Aprendizagem. O que esses autores enfatizam distancia-se de certa maneira do que pretendo estudar, pois busco compreender a relação dos problemas de aprendizagem com a ansiedade do professor, porém é relevante conhecer os diferentes conhecimentos produzidos no campo em que se insere a minha pesquisa.

Fase da Integração (1963-1980):

Essa fase teve início em 1963 quando Samuel Kirk apresentou o termo Dificuldade de Aprendizagem na “Conference on Explorartion into Problems of the Perceptually Handicapped Child”. O termo foi definido pelo autor como:

...um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processos da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral e/ou distúrbios do comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos (CRUZ, 1999, pg.30).

Nesse período se reconhece o campo das Dificuldades de Aprendizagem como área específica com estudos e atividades próprias bem como o aumento considerável de pesquisas e definições, programas educativos e publicações voltadas para essa temática. Hammil (*apud* Cruz, 1999) afirma que este interesse sobre as DA levou a fundação e surgimento de associações e organizações tematizadas, houve a ampliação de programas educativos bem como a disponibilização de fundos governamentais e o aumento do interesse geral inclusive por parte de pais e profissionais de diversas áreas (professores, médicos, psicólogos). Isso acabou gerando alguns conflitos em relação à identificação das causas das DA.

Ross (*apud* Saravali, 2005) caracterizou as crianças portadoras de Da como tendo problemas naquilo que denominou de Atenção Seletiva (capacidade de decodificar e filtrar os

elementos relevantes, desconsiderando informações desnecessárias). Os problemas de aprendizagem surgem, portanto, em decorrência de uma dificuldade nas funções de memorização e de reorganização da informação em razão de uma atenção seletiva menos controlada e menos intencional.

Vellutino (*apud* Cruz, 1999) apresenta a teoria do Déficit Verbal que explica as dificuldades de leitura causadas por problemas fonológicos, semânticos e sintáticos associados a problemas de codificação, sínteses, retomada da informação, memória de curto termo, ocasionando lentidão na identificação e uso das palavras, o que “prejudica os maus leitores, pois estando concentrados na tarefa de decodificar as palavras, é-lhes difícil recordar a informação contida nas frases lidas previamente”.

Bateman (*apud* Saravali, 2005) centra sua teoria nas condições externas oferecidas ao educando, como por exemplo, materiais didáticos adequados, programação pedagógica entre outros.

Torgensen (*apud* Fonseca, 1995) elabora a abordagem do Educando Passivo, tendo como base a Teoria Cognitiva do Processamento da Informação e na Psicologia Evolutiva e Diferencial. O enfoque está baseado na atividade do educando, ou seja, na utilização de estratégias adequadas para o processamento da informação. Segundo o autor, a criança sem DA adota estratégias adequadas na realização de suas tarefas, tendo uma participação ativa no seu processo de aprendizagem. A criança com DA acaba não assumindo um papel ativo na sua aprendizagem, mostrando assim déficits na execução das tarefas.

Adelman (*apud* Saravali, 2005) propõe o Modelo Interacional, neste apresenta a idéia de que a origem das DA estaria na interação entre as áreas fortes e fracas da criança, juntamente com os aspectos ligados à escola. Posteriormente o autor propõe uma Perspectiva Transacional das DA que pode ser explicada pela existência de três tipos de problemas no

aprendizado. O tipo I caracteriza-se pelos problemas gerados exclusivamente por inadequações no meio em que o sujeito está inserido, como por exemplo, o programa escolar. No tipo II estão os problemas resultantes da interação entre indivíduo e meio e no tipo III problemas causados exclusivamente por características do indivíduo, como por exemplo: desordens no sistema nervoso central.

Essa fase, portanto, foi muito importante, na medida em que se reconheceu o campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem como uma área específica, houve um aumento considerável de pesquisas e definições, programas educativos e publicações voltadas para essa temática.

O maior avanço dessa fase consiste no fato de que os estudos se desvincularam de forma mais significativa da abordagem organicista, destacando outros fatores que podem desfavorecer o processo de aprendizagem dando origem às Dificuldades de Aprendizagem.

Os autores Bateman (*Apud* Saravali, 2005) e Adelman (*apud* Saravali, 2005), por exemplo, centram suas teorias nas condições externas oferecidas aos alunos, ou seja, as inadequações do meio como causa das Dificuldades de Aprendizagem. O que pretendo analisar se aproxima da teoria abordada por esses autores, a ansiedade do professor pode ser considerada como um fator que provoca alterações no meio, desfavorecendo o processo de aprendizagem.

Fase Contemporânea (1980 até a atualidade)

Segundo Cruz (1995), nessa fase há estreitamento entre os diversos conceitos do campo e a tentativa de recorte nas definições. O autor aponta para três teorias que influenciaram o período:

- 1) **Influência da Análise Aplicada do Comportamento:** nesta abordagem o enfoque está nos problemas que o meio apresenta. Nesse caso, a Dificuldade de Aprendizagem estaria relacionada ao resultado de um comportamento ou resposta inadequada ao estímulo apresentado que pode ser alterada mudando-se o estímulo, ou seja, fazendo alterações no meio.
- 2) **Influência da teoria do Processamento da Informação:** nesta abordagem a preocupação está na atividade cognitiva do sujeito. As DA (Dificuldades de Aprendizagem) correspondem à deficiência nas funções de processamento psicológico acarretando em problemas para adquirir e integrar as novas informações que são solicitadas pela escola.
- 3) **Influência da Perspectiva Neuropsicológica:** nota-se nesta perspectiva a ênfase no funcionamento cerebral. Problemas como áreas com lesões, mau funcionamento, desequilíbrio químico, são as causas das Dificuldades de Aprendizagem. Esta perspectiva está presente nas fases anteriores e na atualidade considera-se de extrema relevância tais estudos. Os resultados dessas pesquisas têm apontado para uma intervenção com os portadores de DA para a recuperação das áreas com problemas ou na compensação das áreas fortes do indivíduo

O estudo que pretendo realizar está ligado a primeira teoria “Influência da Análise Aplicada do Comportamento” apresentada por Cruz (1995), na qual o enfoque está nos problemas que o meio apresenta, as Dificuldades de Aprendizagem estaria relacionada ao resultado de um comportamento ou resposta inadequada. A irritação e a impaciência do professor decorrentes de um estado de ansiedade não administrável, provoca alterações no meio não favoráveis ao processo de aprendizagem, influenciando de forma bastante negativa.

Essas várias influências, portanto, fazem com que o campo das Dificuldades de Aprendizagem seja visto sob diferentes perspectivas e também pouco consenso quanto à definição e delimitação do termo:

Em resumo, as teorias das dificuldades de aprendizagem são controversas, conceitualmente confusas e raramente apresentam dados de aplicação educacional imediata. Mesmo com uma grande panorâmica e com um grande potencial de investigação, as teorias das DA continuam a ser muito complexas e muito pouco consistentes (FONSECA, 1995, pg.57).

As colocações sobre as diversas teorias das Dificuldades de aprendizagem foram feitas como propósito de caracterizar o campo de estudo, no qual se insere o meu tema de pesquisa:

“A ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem”.

Essas teorias trouxeram um panorama geral de como as Dificuldades de Aprendizagem foram vistas desde 1800 até os dias de hoje. Notou-se que o campo de estudo das Dificuldades de Aprendizagem sofreu influência de diversas áreas (Medicina, Psicologia, Sociologia, Pedagogia), sendo que em determinados períodos algumas delas tiveram maior destaque. Contudo, não temos uma definição clara e consensual do conceito de Dificuldades de Aprendizagem.

3-) Ansiedade Humana

O autor Rollo May (1977) em seu livro “O significado de ansiedade”, nos traz uma nova concepção e uma interpretação original dos conceitos de ansiedade normal e ansiedade neurótica, de hostilidade e agressividade. Reúne todas as teorias de ansiedade propostas por estudiosos modernos em diferentes áreas da nossa cultura, filósofos como Kierkegaard e Tillich, neurologistas como Goldstein, psicofisiologistas como Mowrer, cientistas sociais como Mannheim e Mumford, psicoterapeutas como Freud, Rank, Adler, Jung, Fromm, Horney e Sullivan.

Para Rank (1961) o processo da individuação é o problema central do desenvolvimento, ele se dá através do nascimento, quando a criança é separada do estado anterior de totalidade com a mãe e projetada no mundo numa existência individual, e, então, surge a ansiedade primordial.

O autor (idem) realizou estudos sobre o trauma do nascimento e pontuou o nascimento como o primeiro sentimento de medo e que essa ansiedade primordial presente no bebê, assume duas formas ao longo de sua vida, o medo da vida e o medo da morte. O medo da vida é a ansiedade causada por se ir em frente alcançando a individualidade apesar de todos os empecilhos, enquanto que o medo da morte é a ansiedade por se recuar perdendo a individualidade, estagnando nas relações simbióticas de dependência.

La tendencia a la angustia, inherente al niño, tendencia que, derivada del trauma del nacimiento, se transfiere fácilmente sobre todos los objetos posibles, se manifiesta aun de modo directo, biológico por así decir, en la actitud característica, significativa desde el punto de vista de la evolución de la civilización, del niño con respecto a la muerte. (Ibid, pg. 35)

Rank utiliza o termo medo para significar tanto o medo como a ansiedade, porém considera o medo primordial como o “sentimento indiferenciado de insegurança”, definindo com essa expressão a ansiedade primária.

Para o autor a ansiedade é a apreensão envolvida nas separações, onde é rompido o padrão de relativa unidade com o meio inter-pessoal do indivíduo, gerando ansiedade de viver como uma pessoa autônoma.

Cuando se pierde a una persona próxima, cualquiera sea su sexo, esta separación despierta el recuerdo de la separación inicial de la madre; y la tarea dolorosa, que consiste en desprender la libido de esta persona, cuya expresión ha reconocido Freud en el duelo, corresponde a una repetición psíquica del trauma del nacimiento (RANK, 1961, pg. 37).

Rank diz que a ansiedade também pode ocorrer pelo medo da perda da autonomia individual, ocorrendo quando existe recusa do indivíduo de separa-se de sua imediata posição segura.

Outro autor tomado como referência para falar sobre ansiedade é David Viscotti (1976). O autor, em seu livro “A linguagem dos sentimentos” teve por objetivo explicar a natureza dos sentimentos, o que eles significam, como funcionam, de onde aparecem, e como compreendê-los e usá-los. Segundo Viscotti (1976, pg.12)

...a linguagem dos sentimentos é a maneira pela qual nos relacionamos conosco mesmos, e se não podemos nos comunicar conosco mesmos, simplesmente não podemos comunicar com os outros.

Percebemos o mundo através dos nossos sentimentos, somos o que sentimos, aquilo que sentimos a respeito de qualquer coisa reflete nossa história e nosso desenvolvimento, portanto, compreender nossos sentimentos é compreender nossa reação ao mundo que nos circunda.

Os sentimentos são a maneira como nos percebemos. São nossa reação ao mundo que nos circunda. São a maneira pela qual percebemos que estamos vivos. Quando nossos sentimentos estão consolidados, experimentamos nosso maior grau de consciência. Sem sentimentos não há existência, não há vida. (Idem, pg.17).

Segundo Viscotti (Ibid, pg. 47) a *ansiedade é o medo de ser magoado ou de perder alguma coisa. Quer o medo seja real ou imaginário, a sensação é a mesma.* Para o autor o medo, como todo os sentimentos, serve como um alerta para que nos defendamos, o medo chama nossa atenção para uma possível ameaça a nosso bem-estar.

Quando você está exposto a uma ameaça, seu corpo reage liberando na corrente sanguínea poderosos hormônios estimulantes. Esses hormônios fazem o coração bater mais fortemente e mais rapidamente e também dirigem o fluxo sanguíneo para onde ele é mais necessário. Quando estamos extenuados , o suprimento de sangue normalmente diminui para o abdômen e a pele, e aumenta para os músculos. A maioria dos sintomas físicos da ansiedade- pés frios, “borboletas no estômago”, suor, dilatação das pupilas e palidez da pele- são causados por esses hormônios (Ibid, pg. 47-48).

Para o autor Rollo May (1977) a ansiedade tem um propósito. Originalmente, o propósito era proteger a existência do homem das cavernas na presença dos animais ferozes e dos vizinhos selvagens. Hoje em dia, as ocasiões para a ansiedade são muito diferentes, mas sua finalidade ainda é proteger-nos dos perigos que ameaçam a nossa existência, ou, os valores que identificamos com a nossa existência.

Para Viscotti (1976) é em nossa própria sociedade moderna que se encontra as origens de grande parte de nossa ansiedade, de nosso stress. As exigências da vida coletiva e industrial impõem que suprimamos nossos instintos de sobrevivência e que sofram em silêncio as ansiedades que tal vida produz. À medida que se amplia o stress causado pelo trabalho, assim aumenta a impenetrabilidade de nossas defesas, e assim diminui a riqueza de nossa vida pessoal e familiar.

A presença da ansiedade decorre do fato de, a ansiedade constituir-se a nossa consciência humana de que cada um de nós é um ser que defronta com o não ser. Não ser é aquilo que destrói o ser, como a morte, a doença grave, a hostilidade interpessoal, a mudança demasiado súbita que destrói as nossas raízes psicológicas. Em qualquer caso, a ansiedade é a reação quando a pessoa enfrenta alguma espécie de destruição de sua existência ou do que a identifica. (MAY, 1977).

Autores como Freud, Goldstein e Horney (*apud* Idem, 1977), entre outros, consideram a ansiedade como uma apreensão difusa e que a diferença central entre medo e ansiedade é ser o medo uma reação a um perigo específico, ao passo que a ansiedade é não-específica, “vaga” e sem “objeto”. As características especiais da ansiedade são os sentimentos de incerteza e impotência em face do perigo. A natureza da ansiedade pode ser entendida quando indagamos o que é ameaçado na experiência que produz ansiedade.

Freud (1976) atribuiu a origem da ansiedade ao trauma do nascimento e ao medo de castração, sendo o afeto que acompanha a ansiedade, uma reprodução e repetição de uma significativa experiência anterior que ficou marcada no inconsciente do indivíduo.

Para o autor, na experiência do nascimento há uma grande mistura de sensações corporais, sentimentos dolorosos, descargas, excitações, que acabam se convertendo num protótipo para todas as situações onde a vida corre perigo, sendo a ansiedade uma reação ao perigo:

Um estado de ansiedade é a reprodução de alguma experiência que encerrava as condições necessárias para tal aumento de excitações e uma descarga por rilhas específicas, e que a partir dessa circunstância o desprazer da ansiedade recebe seu caráter específico. No Homem, o nascimento proporciona uma experiência prototípica desse tipo, e ficamos inclinados, portanto, a considerar os estados de ansiedade como uma reprodução do trauma do nascimento (idem, pg. 156).

Segundo Freud, a separação da mãe sentida pelo bebê na experiência do nascimento, é a ansiedade mais básica de todas, é a nossa “ansiedade primordial” à qual retornaremos sempre que tivermos a sensação de perda iminente de algo muito significativo.

A castração significa perda dos órgãos genitais, mas simbolicamente, representa qualquer tipo de lesão ou separação, ou seja, a ameaça de perda do amor de pessoas significativas, por exemplo, tem um significado grave para o ego, provocando sintomas de ansiedade.

A ansiedade de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e de que a mais antiga ansiedade- “a ansiedade primeva” do nascimento- ocorre por ocasião de uma separação da mãe. (ibid, pg. 161)

A ansiedade humana, portanto, remonta às sensações primitivas de desamparo mental e biológico inerentes ao nascimento, num mundo frio e desconhecido fora do útero materno.

Freud também diferencia medo e ansiedade, sendo que a ansiedade possui uma relação com a expectativa e uma inexistência de objeto, enquanto que o medo pressupõe a existência de um objeto.

Segundo o autor Rollo May (1977) a ameaça na ansiedade não é necessariamente mais intensa do que o medo. A ansiedade nos ataca num nível mais profundo. A ameaça deve ser a alguma coisa no “núcleo” ou “essência” da personalidade. O meu amor-próprio, a minha experiência de mim mesmo como pessoa, o meu sentimento de meu próprio valor- tudo isso são descrições imperfeitas do que é ameaçado. O autor propõe a seguinte definição:

Ansiedade é a apreensão deflagrada por uma ameaça a algum valor que o indivíduo considera essencial para sua existência como personalidade. A ameaça pode ser a vida física (ameaça de morte) ou à existência psicológica (perda de liberdade, inexpressividade). Ou a ameaça poder ser a algum outro valor que a pessoa identifica com a sua própria existência (patriotismo, o amor de uma outra pessoa, “sucesso” etc).

Segundo May (1977) as ocasiões de ansiedade podem variar com diferentes pessoas tão amplamente quanto variam os valores dos quais elas dependem. Mas o que sempre será verdadeiro na ansiedade, é que a ameaça afeta um valor essencial à sua existência e, por conseguinte, à sua segurança. Viscotti (1976) considera que a intensidade da ansiedade depende da severidade da perda que nos ameaça, da proximidade da ameaça, da importância da perda para o indivíduo e da força da pessoa e de suas defesas.

O medo é experimentado como uma ameaça que pode ser localizada. A relação do organismo com um dado objeto é o que importa e se esse objeto pode ser removido, seja por meio de algo que nos devolva a tranquilidade, seja por uma fuga apropriada, a apreensão logo desaparece. Mas, como na ansiedade, os alicerces da personalidade são abalados, o indivíduo não pode manter-se fora da ameaça, não pode objetivá-la. Não se pode lutar contra o que não se conhece.

A ansiedade, portanto, se apresenta como uma experiência subjetiva e carente de objeto. Ela é carente de objeto *“porque atinge a base da estrutura psicológica onde ocorre a percepção de que o eu é distinto do mundo dos objetos”* (MAY, 1977).

Para Sullivan (*apud* MAY, 1977) o dinamismo do eu se desenvolve a fim de proteger o indivíduo da ansiedade. O inverso também é verdadeiro: a ansiedade crescente reduz o nível da percepção do eu. Proporcionalmente, o aumento da ansiedade provoca a diminuição da percepção consciente do eu como sujeito relacionado a objetos no mundo exterior. A diferenciação entre subjetividade e objetividade se desintegra proporcionalmente à gravidade da experiência de ansiedade.

Na medida em que a ansiedade ameaça a base da identidade, ela é descrita ao nível filosófico como a percepção de que o indivíduo poderá deixar de existir como um eu. Isso é expresso por Tillich (*apud* MAY, 1977) como a ameaça de “não ser”. Um indivíduo é um ser,

um eu; mas existe a qualquer momento a possibilidade de “não ser”. Morte, fadiga, doença, agressividade destrutiva, etc, são ilustrações do não ser.

A ansiedade normal associada na mente da maioria das pessoas com a morte é, evidentemente, a mais universal das formas de ansiedade. Mas a dissolução do eu pode não consistir simplesmente na morte física. Pode consistir também na perda de significado psicológico ou espiritual, a qual se identifica com a existência da pessoa como um eu- isto é, a ameaça da ausência de significação (MAY, 1977).

Surge daí a afirmação de Kierkegaard (*apud* May, 1977) de que a ansiedade é o “medo do nada” significa, o medo de vir a ser nada.

Para May (1977) a ansiedade normal é uma expressão da capacidade do organismo para reagir a ameaças; essa capacidade é inata e possui seu sistema neurofisiológico herdado. Freud observou que “a tendência para a ansiedade objetiva” é inerente na criança; acreditava ele tratar-se de uma expressão do instinto de conservação, tendo uma óbvia utilidade biológica. As formas particulares que essa capacidade para reagir a ameaças assumirá num dado indivíduo são condicionadas pela natureza das ameaças (ambiente) e pelo modo como o indivíduo aprendeu a enfrentá-las (experiência passada e presente) (*apud* May, 1997).

O problema da origem da ansiedade levanta a seguinte questão: em que medida a ansiedade e os medos são aprendidos?

Sugiro aqui que a capacidade para a ansiedade não é aprendida, mas as quantidades e as formas de ansiedade num dado indivíduo são aprendidas. Isso significa que a ansiedade normal é uma função do organismo como organismo; todo ser humano experimentará ansiedade em situações de ameaça a seus valores vitais (MAY, 1977).

Os eventos que terão valor de ameaça para um indivíduo depende da aprendizagem. Certos medos e focos de ansiedade são a expressão de padrões que se desenvolvem a partir da inter-relação das capacidades do indivíduo para reagir à ameaça com o seu ambiente e

condicionamento. A matriz em que esses padrões se desenvolvem é, em particular, a situação da família, isso por sua vez é parte integrante da cultura geral mais ampla em que o indivíduo vive.

Viscotti (1976) considera que além da ansiedade criada por nossa sociedade, cada pessoa precisa entrar em acordo com as ameaças e os temores de sua própria vida interior pessoal-

baseada nos preconceitos de sua educação (preconceito é um conjunto organizado de sentimentos que podem ser acionados por algum estímulo externo). Quer o objeto do preconceito seja um grupo, uma idéia ou uma atitude, só a experiência modifica o preconceito (VISCOTTI, pg.57).

Segundo o autor cada um de nós se sente vulnerável de uma maneira diferente, conhecendo a sua própria vulnerabilidade, você estará sabendo muito a respeito de si mesmo. Todos somos vulneráveis à perda de um ente querido, à perda de controle, e à perda da estima por nós mesmos. Cada um destes tipos de perda cria uma categoria correspondente de ansiedade. Algumas pessoas, devido a sua experiência de vida, se tornam mais sensibilizadas a um tipo de perda, que uma dessas categorias acabam por se sobressair sobre as outras.

As pessoas dependentes são especialmente vulneráveis à perda do amor, porque quando crianças experimentaram semelhante perda, quer porque tenham vivido com a ameaça da separação ou da rejeição. Sentem uma perda antes mesmo de terem perdido qualquer coisa.

A outra espécie de perda que produz ansiedade é a perda de controle. As pessoas que receiam perder o controle são aquelas que fazem questão de estar no controle o tempo todo, vivem pelas regras, criam rotinas. Sentem-se mais à vontade quando conhecem os limites precisos de uma dada situação.

A perda da estima também desencadeia a ansiedade. Pode ter a aparência de medo de falhar, medo de ser exposto como indigno, ou medo de ser ridicularizado. As pessoas que

vivem com medo de se sentirem embaraçadas, muitas vezes tentam ocultar seus reais sentimentos.

A ansiedade neurótica envolve sempre um conflito (interno ou externo). Há freqüentemente uma relação recíproca entre ambos: um estado persistente de conflito não resolvido pode redundar na pessoa reprimir um lado do conflito, o que produz então a ansiedade neurótica. E a ansiedade, por seu turno, traz em sua esteira sentimentos de desamparo, impotência e uma paralisia da ação que tende a causar ou aumentar o conflito psicológico.

May (1977, p. 219) acredita que o denominador comum dos conflitos relacionados à origem da ansiedade, pode ser encontrado:

...na relação dialética do indivíduo e sua comunidade. Por um lado, o ser humano desenvolve-se como um indivíduo; o fato da individualidade é um dado no sentido de que cada pessoa é única e, em certa medida, distinta de todos os outros indivíduos (...). No ponto do desenvolvimento em que surge a autoconsciência, surge também uma medida de liberdade e responsabilidade em cada ação individual. Mas, por outro lado, esse indivíduo desenvolve-se a cada momento como membro de um nexos social, de que ele depende não só para a satisfação inicial de suas necessidades biológicas, mas também para sua segurança emocional.

A existência da criança consiste numa progressiva diferenciação dela em relação aos pais. Quando encarado pelo aspecto individual da relação dialética, o seu crescimento consiste na decrescente dependência para com os pais e no, cada vez maior, apoio e uso de seus poderes pessoais. Quando encarado pelo aspecto social, o crescimento da criança consiste em seu progressivo relacionamento com os pais em novos níveis. O bloqueio do desenvolvimento num pólo ou outro dessa dialética gera conflito psicológico, cujo resultado final é a ansiedade.

A ansiedade e a hostilidade estão inter-relacionadas, usualmente, uma gera a outra. Sendo que primeiro a ansiedade gera a hostilidade, isso porque a ansiedade com seus sentimentos concomitantes de impotência, isolamento e conflito, é uma experiência dolorosa. Sendo

assim, a pessoa tende a manifestar sua cólera e ressentimento para com os responsáveis por se encontrar em tal situação de dor.

Viscotti (1976) fala também sobre o que temos que fazer para controlar a ansiedade.

Considerando que a ansiedade é uma advertência, é vital que primeiro compreendamos sobre quais perigos estamos sendo alertados- a advertência precisa ser decomposta até virar uma informação que possa ser utilizada (pg. 62).

Como é, exatamente, sentir-se ansioso? Em primeiro lugar, sentimo-nos incertos, agitados, intranqüilos. Ao se sentir ansioso, você está percebendo uma ameaça, ainda que não esteja cômico dela. Segundo Viscotti (1976), para enfrentar tais sentimentos, você precisa ser capaz de admitir que está ansioso, não se deve ignorar a ansiedade, pois ela é mais bem removida eliminando-se a ameaça que a causou, e não negando ou ignorando numa atitude defensiva.

Ou seja, o primeiro passo para assumir o controle de situações que causam ansiedade é perguntar a si mesmo: “O que é que eu tenho tanto medo de perder?”, fazer esta pergunta às vezes nos proporciona distância suficiente para começarmos a resolver o problema.

Ainda que às vezes pareça impossível, a melhor maneira de controlar a ansiedade é evitar situações ameaçadoras desnecessárias e começarmos a fazer de nós mesmos a pessoa mais completa e mais forte que possamos ser. Para fazer isso, você precisa aceitar quem você é, assumir a responsabilidade por sua vida, e estar convicto de que está se dirigindo para a direção que é certa para você. É uma tarefa difícil. Para sermos nós mesmos, não precisamos estar inteiramente livres da ansiedade, mas, pelo menos, você pode saber o que receia e ser livre para modificar o que o ameaça (VISCOTTI, 1976, pg.65).

A pessoa livre aceita a responsabilidade tanto pelo que há de bom como pelo que há de mal em sua vida. Só o fato de nos pormos a caminho para o que de melhor há dentro de nós mesmos, já reduz a ansiedade.

Podemos concluir que uma pessoa no estado de ansiedade pode apresentar sintomas como a irritabilidade e a impaciência, na relação professor e aluno esses sintomas são bastante

desfavoráveis na medida em que poderá influenciar negativamente no processo de aprendizagem.

A ansiedade não pode ser evitada, pois sua presença decorre do fato de a ansiedade constituir-se a nossa consciência humana de que cada um de nós é um ser que defronta com o não ser. O que se pode fazer é tentar controlar a ansiedade, reduzi-la a níveis normais e usá-la como estímulo para a realização de algo.

Esta pesquisa irá medir e qualificar o quanto a ansiedade do professor está relacionada com as Dificuldades de Aprendizagem. O que sabemos é que a ansiedade não administrável pode prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, com a realização desse estudo saberemos em que medida a ansiedade do professor influencia nos problemas de aprendizagem dos alunos.

4 -) Metodologia:

A metodologia é uma parte muito importante na pesquisa, pois se a pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico, deve fazê-lo dentro de um ambiente particular, recorrendo a técnicas também apropriadas àquele problema. A definição da metodologia a ser usada, portanto, depende do problema, pois determinados métodos não servem para determinados problemas. No caso da minha pesquisa, na qual pretendo analisar qual a influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem, torna-se necessário a utilização do método quantitativo.

Segundo Cortes (1998, p. 14) a principal diretriz a guiar uma investigação é o problema de pesquisa e o método de pesquisa escolhido deve ser capaz de “costurar” estes elementos-chave do processo investigativo. Segundo a autora alguns trabalhos utilizam métodos que recorrem somente a técnicas quantitativas ou a técnicas qualitativas de análise de dados. Na maior parte dos casos, os problemas de pesquisa serão mais proficuamente respondidos através do uso de ambas, sendo assim, o pesquisador poderá extrair o máximo de informações sobre a realidade e chegar a conclusões mais firmemente fundamentadas.

Os estudos quantitativos se caracterizam pelo uso de números, Gráficos, tabelas, que permitem a construção de descrições detalhadas, que podem ser organizadas em variáveis e enquadradas em modelos usados para testar possíveis relações entre as mesmas e desse modo oferecer explicações para certos fenômenos. Os dados para este tipo de estudo podem provir de fontes documentais, tais como balanços e orçamentos, de surveys, entre outros (CORTES, 1998).

O que particulariza os estudos qualitativos é que eles possibilitam descrever as qualidades de determinados fenômenos ou objetos de estudo. As fontes mais utilizadas para este tipo de estudo são documentos ou resultados de entrevistas e observações.

4.1- Problema:

Essa pesquisa pretende compreender as questões referentes à irritação e impaciência de professores, decorrentes de um estado de ansiedade alterado, em relação aos problemas de aprendizagem. O problema que norteia essa pesquisa está ligado a seguinte questão: como a ansiedade afeta o desempenho escolar do aluno, ou seja, qual a influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem?

Para Arantes (1996), as Dificuldades de Aprendizagem não dependem exclusivamente de características individuais, mas também de uma série de fatores externos à pessoa, originados de diversas causas como contexto educacional, ambiente físico, crescimento biológico, desenvolvimento intelectual, social e afetivo emocional.

A irritação e a impaciência do professor, decorrentes de um estado de ansiedade não administrável, influem de forma bastante negativa no processo de aprendizagem da criança, esta pode reagir diante do nervosismo do professor de diversas formas, dentre as quais surgem os Distúrbios de Aprendizagem. O autor Rollo May (1977) propõe a seguinte definição para ansiedade:

Ansiedade é a apreensão deflagrada por uma ameaça a algum valor que o indivíduo considera essencial para sua existência como personalidade. A ameaça pode ser à vida física (ameaça de morte) ou à existência psicológica (perda de liberdade, inexpressividade). Ou a ameaça pode ser a algum outro valor que a pessoa identifica com a sua própria existência (patriotismo, o amor de uma outra pessoa, "sucesso" etc).

Para May (1977) a ansiedade é um sinal de que alguma coisa está errada na personalidade e nas relações humanas do indivíduo. A ansiedade pode ser encarada como um clamor íntimo para a resolução do problema. O que está errado pode, é claro, variar de infinitas maneiras. Pode ser o resultado de algum mal entendido entre professor e aluno (e vice-versa), o qual pode ser resolvido por comunicação autêntica entre as pessoas. Ou, o que estava errado pode ser alguma expectativa do próprio professor em relação a si mesmo, que nesse estágio do seu desenvolvimento, não pode ser concretizada de forma realista.

O problema da origem da ansiedade levanta a seguinte questão: em que medida a ansiedade e os medos são aprendidos?

Sugiro aqui que a capacidade para a ansiedade não é aprendida, mas as quantidades e as formas de ansiedade num dado indivíduo são aprendidas. Isso significa que a ansiedade normal é uma função do organismo como organismo; todo ser humano experimentará ansiedade em situações de ameaça a seus valores vitais (MAY, 1977).

As ocasiões de ansiedade variarão com diferentes pessoas tão amplamente quanto variam os valores de que elas dependem. Qual será, então, o nível de ansiedade (Baixa, Moderada, Elevada, Altíssima) apresentado por professores do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries)?

Na medida em que uma pessoa consegue enfrentar construtivamente as experiências de ansiedade cotidiana normal quando surgem, ela evita a repressão e o retraimento que propiciam a subsequente ansiedade neurótica. Esta envolve um conflito (interno ou externo), um estado persistente de conflito não resolvido pode redundar na pessoa reprimir um lado do conflito, o que produz, então, a ansiedade neurótica.

O processo de aprendizagem é bastante prejudicado quando permeado de um estado de ansiedade não administrável. **No entanto, qual a influência da ansiedade do professor nas**

Dificuldades de Aprendizagem? Qual a relação entre o nível de ansiedade do professor e o rendimento escolar dos seus alunos?

4.2-Justificativa:

Existe um consenso entre os diversos autores que abordam o problema das dificuldades de Aprendizagem: alunos com Dificuldades de Aprendizagem não têm sucesso na escola por diferentes razões e independentemente da capacidade intelectual, quase todos podem apresentar um rendimento inferior à média em algum momento do processo educacional. Essa queda no rendimento, nem sempre é apenas transitória e o problema fica cada vez mais complexo quando não é solucionado no início (ARANTES, 1980, pg 8).

Lovitt (1978), afirma que as Dificuldades de Aprendizagem são decorrentes da interação entre a qualidade da instrução e as características emocionais e motivacionais dos alunos, nesta perspectiva, um aluno pode estar desmotivado apenas em alguma(s) área(s), algum(s) conteúdo(s) específico(s), ou em todas as disciplinas do curso. Portanto, é importante que esse aluno seja muito bem observado e avaliado, pois o problema pode estar relacionado não só a disciplina em si, mas também ao professor, ao próprio aluno, ao método, ao ambiente, dentre outras variáveis.

No entanto, uma das razões das Dificuldades de Aprendizagem dos alunos pode ser a ansiedade do professor. Portanto, é de profunda relevância social e científica, o estudo da influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem, na medida em que a partir de um estudo aprofundado das questões referentes à irritabilidade e impaciência do professor, decorrentes de um estado de ansiedade não administrável, e, suas influências no desenvolvimento do trabalho pedagógico; teremos um maior entendimento dessas questões, e, sobretudo, teremos informações sobre a ansiedade dos professores das séries iniciais do

Ensino Fundamental, ou seja, em que nível essa ansiedade se encontra: Baixa, Moderada, Elevada, Altíssima. Enfim, saberemos qual a relação desse nível de ansiedade com o rendimento escolar dos alunos.

Segundo May (1977 p. 335):

A ansiedade não pode ser evitada, mas pode ser reduzida. O problema do controle da ansiedade é o de reduzi-la a níveis normais e usar depois essa ansiedade normal como estimulação para aumentar a consciência, vigilância e gosto pela vida do indivíduo.

A ansiedade não administrável pode desfavorecer o processo de aprendizagem, com a realização desse estudo busca-se compreender melhor como isso se dá, e, portanto, o estudo pretende trazer contribuições para o desenvolvimento do trabalho pedagógico dos professores.

4.3- Objetivos:

•Geral:

Analisar as implicações que a irritabilidade e a impaciência (sintomas da ansiedade) do professor podem trazer para a sala de aula, interferindo no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

•Específicos:

- Obter informações sobre o nível de ansiedade de professores.
- Obter informações sobre as Dificuldades de Aprendizagem em crianças.

4.4- Procedimento:

Pretendo alcançar os objetivos propostos mediante o uso da técnica de análise quantitativa. O estudo é quantitativo porque será aplicado um questionário (Anexo 1) de

Auto-Avaliação- IDATE (Ansiedade-Traço) que medirá o nível de ansiedade dos professores, e, também será feito um levantamento (Anexo 2) do número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem. Esse levantamento será feito juntamente aos professores.

A relação entre os dados coletados - nível de ansiedade dos professores e o número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem- serão analisados e interpretados, o que irá qualificar e oferecer consistência às conclusões alcançadas através da análise quantitativa dos dados. O nível de ansiedade apresentado por cada professor será relacionado com o número de seus alunos com Dificuldades de Aprendizagem.

Portanto, através dessa metodologia pela qual realizarei o estudo, pretendo analisar como a ansiedade do professor está relacionada às Dificuldades de Aprendizagem.

4.5- Amostra

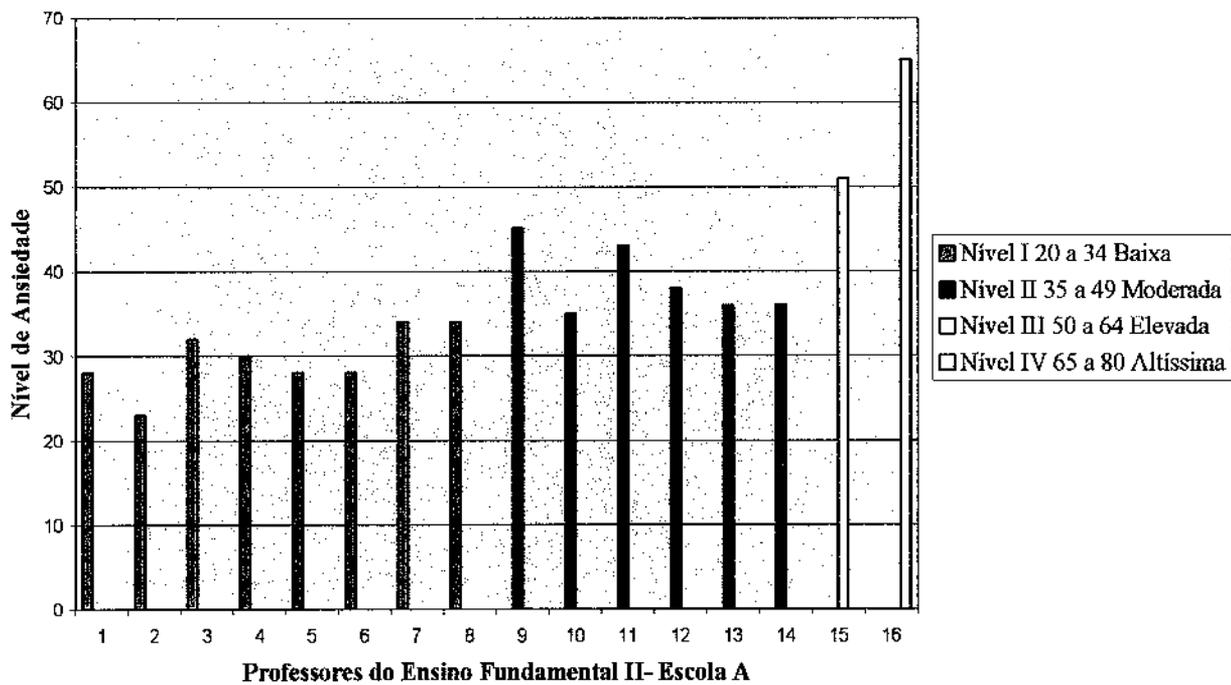
O questionário IDATE, que medirá o nível de ansiedade, será aplicado em professores do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries) do sexo feminino e masculino, com idade entre 23 e 55 anos. O local da aplicação do questionário será em duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Monte Mor (SP).

4.6 - Análise dos dados

A metodologia proposta para alcançar os objetivos da presente pesquisa foi devidamente aplicada e, portanto, as informações sobre o nível de ansiedade dos professores e sobre as Dificuldades de Aprendizagem em estudantes foram obtidas.

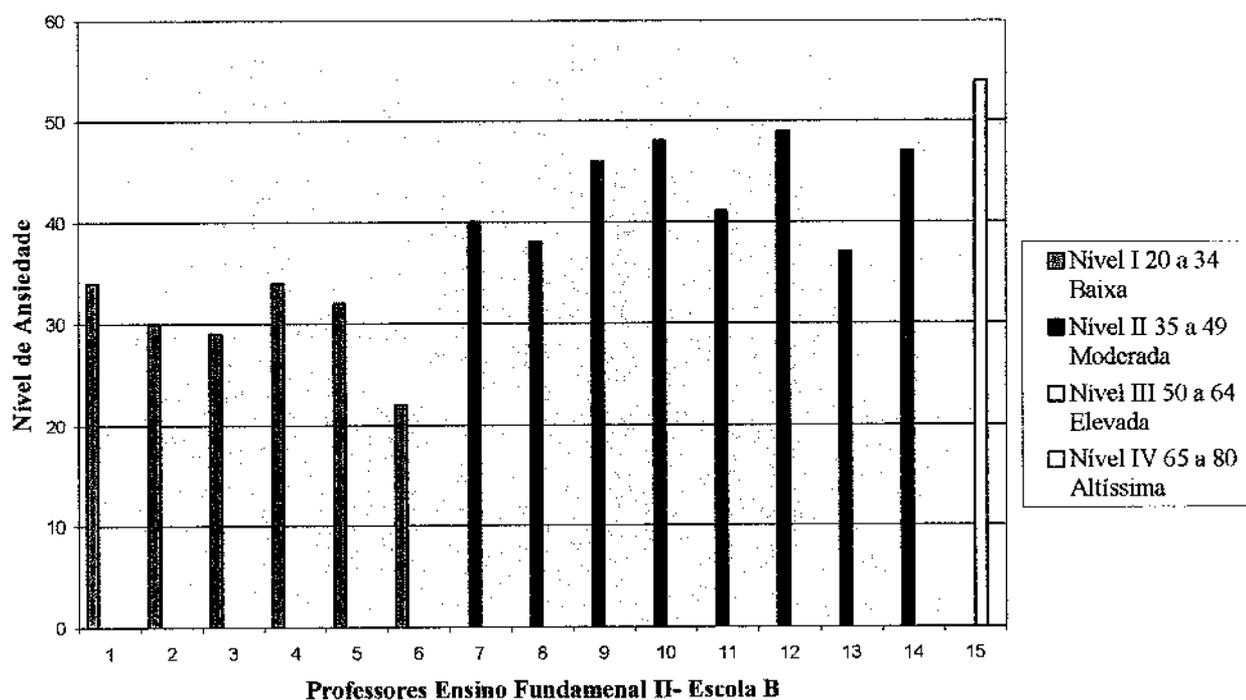
As informações coletadas mediante a aplicação do Questionário de Auto-Avaliação- IDATE (Ansiedade Traço) nas Escolas A e B com professores do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries), podem ser observadas nos **gráficos** que se seguem:

Resultado do Questionário de Auto-Avaliação- IDATE (Ansiedade Traço)



Pode-se observar que na **Escola A** dentre os **16** professores que responderam o questionário, **8** apresentaram **Ansiedade Baixa**, **6** apresentaram **Ansiedade Moderada**, **1** apresentou **Ansiedade Elevada** e **1** **Ansiedade Altíssima**.

Resultado Questionário de Auto-Avaliação (IDATE)- Ansiedade Traço



Pode-se observar que na **Escola B** dentre os **15** professores que responderam o questionário, **6** apresentaram **Ansiedade Baixa**, **8** apresentaram **Ansiedade Moderada** e **1** apresentou **Ansiedade Elevada**.

O número de alunos que apresentam Dificuldades de Aprendizagem nas disciplinas ministradas pelos professores das Escolas A e B podem ser observados nas **tabelas 1 e 2** abaixo:

Tabela 1**Escola A (As salas de aula são compostas de 35 a 40 alunos em média)**

Professores do Ensino Fundamental II- Escola A	Disciplina	Número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem				Total
		5ª	6ª	7ª	8ª	
Prof. 1 Ansiedade Baixa	Geografia				10	10
Prof. 2 Ansiedade Baixa	Artes				7	7
Prof. 3 Ansiedade Baixa	História	8	20		7	35
Prof. 4 Ansiedade Baixa	Matemática	12				12
Prof. 5 Ansiedade Baixa	Matemática		12		11	23
Prof. 6 Ansiedade Baixa	Matemática			32	12	44
Prof. 7 Ansiedade Baixa	História				10	10
Prof. 8 Ansiedade Baixa	Ciências	5	9	8		22
Prof. 9 Ansiedade Moderada	Geografia			10	20	30
Prof. 10 Ansiedade Moderada	Português				6	6
Prof. 11 Ansiedade Moderada	Matemática		10	10	30	50
Prof. 12 Ansiedade Moderada	Português				10	10
Prof. 13 Ansiedade Moderada	História e Geografia	10	15	30	15	70
Prof. 14 Ansiedade Moderada	Educação Física	1				1
Prof. 15 Ansiedade Elevada	Inglês	16	24	9		80
	Português				31	
Prof. 16 Ansiedade Altíssima	Português	40				40

Tabela 2**Escola B (As salas de aula são compostas de 35 a 40 alunos em média)**

Professores do Ensino Fundamental II- Escola B	Disciplina	Número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem				Total
		5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	
Prof. 1 Ansiedade Baixa	Oficina de Artes	0	0	0	0	0
Prof. 2 Ansiedade Baixa	Educação Física	0	0	11	4	15
Prof. 3 Ansiedade Baixa	Educação Física	14	5	0	3	22
Prof. 4 Ansiedade Baixa	Informática Educacional			5	6	11
Prof. 5 Ansiedade Baixa	Biologia	5	5	6		16
Prof. 6 Ansiedade Baixa	Oficina de Atividades Artísticas			5	8	13
Prof. 7 Ansiedade Moderada	Experiências Matemáticas	17	7			24
Prof. 8 Ansiedade Moderada	Informática Educacional	12	5			17
Prof. 9 Ansiedade Moderada	Português		30	16		46
Prof. 10 Ansiedade Moderada	Arte			8		8
Prof. 11 Ansiedade Moderada	Matemática	8	15			23
Prof. 12 Ansiedade Moderada	Inglês		7	15	10	32
Prof.13 Ansiedade Moderada	Empreendedorismo Social	5	5	4	7	21
Prof. 14 Ansiedade Moderada	Espanhol	2	3	2	5	12
Prof. 15 Ansiedade Elevada	Matemática	4		12		16

Analisando os dados da **Tabela 1** pode-se notar que os Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 que apresentaram **Ansiedade Baixa** possuem um número menor de alunos com **Dificuldades de Aprendizagem** em suas respectivas disciplinas, com exceção do professor 6 responsável pelo ensino de matemática, que em seu levantamento apontou 44 alunos com problemas de aprendizagem.

Os Professores 9, 10, 11, 12, 13 e 14 que apresentaram **Ansiedade Moderada** possuem **um número maior de alunos com Dificuldades de Aprendizagem** em suas respectivas disciplinas, pode-se destacar como exemplo os professores 11 e 13. O Professor 11, responsável pelo ensino de Matemática, apontou 50 alunos com **Dificuldades de Aprendizagem** e o Professor 13, responsável pelo ensino de História e Geografia, apontou 70 alunos com **Dificuldades de Aprendizagem**.

O Professor 15, responsável pelo ensino de Português e Inglês apresentou **Ansiedade Elevada** e um **alto número de alunos (80) com Dificuldades de Aprendizagem** em suas disciplinas.

O Professor 16, responsável pela disciplina de Português, apresentou **Ansiedade Altíssima** e **um número grande de alunos (40) com Dificuldades de Aprendizagem**.

Observando a **Tabela 2**, pode-se notar que a relação entre os dados - **Nível de Ansiedade** dos professores e o número de alunos com **Dificuldades de Aprendizagem** – é a mesma apresentada pela Tabela 1, ou seja, professores com **Ansiedade Baixa** apresentaram um menor número de alunos com **Dificuldades de aprendizagem** em suas disciplinas e professores que apresentaram um **Nível de Ansiedade maior que o Nível I (Ansiedade Baixa)** apontaram um número maior de alunos com problemas de aprendizagem.

Os Professores 1, 2, 3, 4, 5 e 6 apresentaram **Ansiedade Baixa** e um número também baixo de alunos com **Dificuldades de Aprendizagem**. Já os professores 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e

14 apresentaram um número maior de alunos com dificuldades, podemos destacar como exemplo o Professor 9, responsável pelo ensino de Português, com 46 alunos e o Professor 12, responsável pelo ensino de Inglês, com 32 alunos com Dificuldades de Aprendizagem.

O Professor 15, responsável pela disciplina de Matemática, apresentou Ansiedade Elevada e 16 alunos com Dificuldades de Aprendizagem.

Os dados apresentados anteriormente mostram que um nível de ansiedade mais elevado do que o nível considerado como normal (ou baixo), pode ser considerado como uma influência no número de estudantes que apresentam Dificuldades de Aprendizagem, ou seja, quanto mais elevado o Nível de Ansiedade dos professores maior o número de alunos com problemas de aprendizagem.

Comprovou-se que existe uma relação entre a Ansiedade do professor e as Dificuldades de Aprendizagem em estudantes, e, que, portanto, um estado alterado de ansiedade pode ser um fator gerador de Dificuldades de Aprendizagem.

5-) Considerações Finais:

O presente trabalho buscou compreender a influência da ansiedade do professor nas Dificuldades de Aprendizagem e como se dá à relação entre a ansiedade do professor e o desempenho escolar dos alunos.

Partiu-se do pressuposto que um estado de ansiedade não administrável é bastante desfavorável ao processo de ensino e aprendizagem. O professor num estado de ansiedade alterado pode apresentar sintomas como a irritação e a impaciência, na relação professor-aluno esses sintomas podem influenciar negativamente o processo de aprendizagem.

Com a realização do estudo conclui-se que a ansiedade do professor possui uma forte ligação com o desempenho escolar dos alunos. Notou-se que quanto mais elevado o nível de ansiedade maior o número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem.

Vale ressaltar que o estudo foi realizado em duas escolas públicas de Ensino Fundamental II com professores de 5ª a 8ª séries, porém, também foram coletados dados em uma escola de Ensino Fundamental I com professores de 1ª a 4ª séries, os quais apresentaram um nível de ansiedade baixo e um número pequeno de alunos com Dificuldades de Aprendizagem, diferentemente do que pôde ser observado com os dados obtidos nas escolas A e B, apresentados anteriormente.

Os dados coletados nessa primeira aplicação do questionário de ansiedade e do levantamento do número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem nas séries iniciais do Ensino fundamental foram deixados de lado, pois se chegou a conclusão de que não era essa a amostra adequada para encontrarmos as respostas ao problema proposto pelo trabalho, mas é importante levar em consideração a diferença encontrada: professores do Ensino Fundamental

II apresentaram um nível de ansiedade mais elevado, e, um número maior de alunos com Dificuldades de Aprendizagem do que os professores do Ensino Fundamental I.

Outra consideração a se fazer está relacionada a questões metodológicas da pesquisa, o levantamento do número de alunos com Dificuldades de Aprendizagem foi feito pelos professores, isso nos leva a pensar sobre a concepção que o professor tem sobre as dificuldades dos alunos, elas baseiam-se mais na articulação dos conteúdos escolares com o rendimento do aluno, que passam ser referência para a interpretação e diagnóstico da Dificuldade de Aprendizagem, mediante a não aprendizagem e ao resultado não alcançado.

Este trabalho buscou analisar um dos aspectos que pode gerar as Dificuldades de Aprendizagem. Os problemas de aprendizagem podem ser gerados por diversos fatores, como a qualidade da instrução, falta de estímulo dos professores e da família, relação professor e aluno, currículos inadequados, sistema de avaliação falho, além de todos esses fatores, uma das causas das Dificuldades pode ser a ansiedade do professor, pois o processo de aprendizagem é bastante prejudicado quando permeado de um estado de ansiedade não administrável.

Enfim os problemas de aprendizagem não dependem exclusivamente de características individuais, mas também de uma série de fatores externos à pessoa, originados de diversas causas como contexto educacional, ambiente físico, crescimento biológico, desenvolvimento intelectual, social e afetivo emocional.

Ao se apontar ou diagnosticar um aluno com Dificuldade de Aprendizagem, é imprescindível que todos os fatores citados acima tenham sido considerados, caso contrário estaremos sempre limitando o problema a uma única causa e certamente acarretando no futuro, sérios problemas ao aluno, talvez até determinando seu insucesso.

A ansiedade não pode ser evitada, pois sua presença decorre do fato de constituir-se na consciência humana, o fato de que cada um de nós é um ser que se defronta com o não ser. O que se pode fazer é tentar controlar a ansiedade, reduzi-la aos níveis normais e usá-la como estímulo para a realização de algo. O professor, por exemplo, em decorrência de um estado de ansiedade normal, preocupado se seus alunos vão aprender e gostar do novo conteúdo, enfim, o professor ansioso em saber se o método escolhido para ensinar será eficaz ou não, pode dar o máximo de si na preparação de uma aula. A ansiedade pode ter seu lado positivo quando bem administrada e compreendida.

6-) Bibliografia:

- ARANTES, V. J. **Dificuldades de Aprendizagem em menores institucionalizados**. Campinas: Tese de Mestrado- UNICAMP, 1980. 84p.
- ARANTES, V. J. Psicodrama e Psicopedagogia. In: SISTO, F. F. **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- BIAGGIO, A , NATALÍCIO, L. e SPIELBERGER, C. D. **Desenvolvimento da Forma Experimental em português do Inventário de Ansiedade-Traço Estado (IDATE)**. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 29 (3): 31 a 44p. 1977.
- CORRELL, W. e SCHWARZE, H. **Distúrbios de Aprendizagem**. Tradução brasileira Nestor Dockorn. Coleção Ciências do Comportamento. São Paulo: EPU (editora pedagógica e universitária), EDUSP, 1974.
- CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Cadernos de Sociologia**. Programa Pós-Graduação em Sociologia, v. 9. Porto Alegre: PPGS/UFGRS, 1998.
- CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem- Fundamentos**. Lisboa: Porto, 1999.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: **Obras Psicológicas Completas**, v.XX, Trad. Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- FROSTIG, M., MASLOW, P. **Learning problems in the classroom**. New York: Grune e Stratton, 1973. 353p.
- JOHNSON D., MYKLEBUST, H. **Distúrbios de aprendizagem- princípios e práticas educacionais**. 2º ed. Trad: Marília Sanvicente. SP: Pioneira, 1987. 400p. Título original: Learning Disabilites- educacional principles and pratices.
- LOVITT, T. C. The Learning Disabled. Apud HARING, N. G. **Behavior of Exceptional Children**. Columbus, OH: Merrill, 1978.
- MARTINELLI, S. C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F. **Dificuldades no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MAY, Rollo. **Os significados da ansiedade. As causas da integração e Desintegração da Personalidade**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.

- OLIVEIRA, G. C. Contribuições da psicomotricidade para a superação das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F. **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar**. RJ: Vozes, 1996.
- OSTI, A. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. Campinas: Tese de Mestrado-UNICAMP, 2004. 149p.
- RANK, Otto. **El trauma del nacimiento**. Versión castellana de H. F. De Saltzmann, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1961.
- SANCHÉZ, J. N. G. Historia y concepto de las dificultades de aprendizaje. In: SANTIUSTE, V; BÉLTRAN, J. A. **Dificultades de Aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis.
- SARAVALI, E. G. **Dificuldades de aprendizagem e interação social-implicações para a docência**. Taubaté: Cabral, 2005.
- SILVA, D. A da. **A influencia do relaxamento na ansiedade infantil**. Campinas: Tese de mestrado- UNICAMP, 1998. 189p.
- SISTO, F. Dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- VISCOTTI, David. **A linguagem dos sentimentos**. 5ª ed. Trad. Luiz Roberto S. S. Malta. SP: Summus, 1976, 135p. Título original: The Language of Feelings.

7-) Anexo 1

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO - IDATE (ANSIEDADE-TRAÇO)

INSTRUÇÕES: A seguir são dadas algumas afirmações que têm sido usadas para descrever sentimentos pessoais. Leia cada uma delas e faça um círculo ao redor da afirmação que melhor indicar como você geralmente se sente. Não há respostas certas ou erradas, não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar uma resposta que mais se aproximar de como você geralmente se sente.

01. Sinto-me bem	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
02. Canso-me facilmente	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
03. Tenho vontade de chorar	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
04. Gostaria de ser tão feliz quanto os outros parecem ser	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
05. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente.....	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
06. Sinto-me descansado	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
07. Sou calmo	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
08. Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não consigo resolver.....	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
09. Preocupo-me demais com coisas sem importância	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
10. Sou feliz	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
11. Deixo-me afetar muito pelas coisas	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
12. Não tenho muita confiança em mi mesmo	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
13. Sinto-me seguro	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas .	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
15. Sinto-me deprimido	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
16. Estou satisfeito	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
17. Às vezes, idéias sem importância me entram na cabeça e ficam me preocupando	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
19. Sou uma pessoa estável	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre
20. Fico tenso e perturbado quando penso em meus problemas no momento	Quase nunca	Às vezes	Frequentement	Quase sempre

CONTAGEM DOS PONTOS

Assinale nesta tabela os mesmos retângulos que assinalou na tabela da página 1.

Coloque na última coluna os números assinalados em cada retângulo. Some os números encontrados e coloque o total na última linha. O total encontrado equivale a um dos níveis de ansiedade que representa uma de suas características.

01. Sinto-me bem	4	3	2	1	
02. Canso-me facilmente.....	1	2	3	4	
03. Tenho vontade de chorar.....	1	2	3	4	
04. Gostaria de ser tão feliz quanto os outros parecem ser	1	2	3	4	
05. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente.....	1	2	3	4	
06. Sinto-me descansado	4	3	2	1	
07. Sou calmo	4	3	2	1	
08. Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não consigo resolver.....	1	2	3	4	
09. Preocupo-me demais com coisas sem importância	1	2	3	4	
10. Sou feliz.....	4	3	2	1	
11. Deixo-me afetar muito pelas coisas.....	1	2	3	4	
12. Não tenho muita confiança em mi mesmo.....	1	2	3	4	
13. Sinto-me seguro.....	4	3	2	1	
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas.....	1	2	3	4	
15. Sinto-me deprimido	1	2	3	4	
16. Estou satisfeito.....	4	3	2	1	
17. Às vezes, idéias sem importância me entram na cabeça e ficam me preocupando.....	1	2	3	4	
18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça.....	1	2	3	4	
19. Sou uma pessoa estável.....	4	3	2	1	
20. Fico tenso e perturbado quando penso em meus problemas no momento.....	1	2	3	4	
TOTAL					

Nível I	De 20 a 34 -	Ansiedade Baixa
Nível II	De 35 a 49 -	Ansiedade Moderada
Nível III	De 50 a 64 -	Ansiedade Elevada
Nível IV	De 65 a 80 -	Ansiedade Altíssima

8-) Anexo 2

- Faça um levantamento do número de alunos que apresentam problemas de aprendizagem em sua disciplina.

Nome da disciplina: _____

Período da manhã

Sala:

5ª série: _____

6ª série: _____

7ª série: _____

8ª série: _____

Outra: _____

Período da tarde

Sala:

5ª série: _____

6ª série: _____

7ª série: _____

8ª série: _____

Outra: _____